



## ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA



### Sidney Poitier

No auge do movimento americano a favor dos direitos civis, Sidney Poitier foi, em **1963**, o primeiro actor negro de Hollywood a receber o Oscar, atribuído por seu desempenho em *Uma Voz nas Sombras*. Sidney Poitier conseguiu os seus maiores sucessos no cinema com o drama *Ao Mestre com Carinho* (**1967**); *A Maior História de Todos os Tempos* (**1965**); a comédia *Adivinhe Quem Vem para Jantar* (**1967**, com Spencer Tracy); e, em 1988, com o filme de acção *Atirando para Matar*. Também tiveram grande sucesso os filmes em que encarnou o policial Virgil Tibbs, como *No Calor da Noite* (**1966**). A partir de 1972, Poitier, que também trabalhou no teatro, dirigiu vários filmes. Em 1994, foi nomeado presidente da Walt Disney Productions.

### Sidney Poitier na barbearia de Firipe Beruberu



No conto ***Sidney Poitier na barbearia de Firipe Beruberu***, há o recuperar do “Sonho Americano”, símbolo incontornável da história de todos aqueles que pretendem seguir um modelo social que permite uma ascensão pelo trabalho sem ter em conta a cor ou a raça. Firipe Beruberu, o barbeiro que rapa cabeças na tentativa de credibilizar o seu ofício, almeja o “Sonho Americano” com uma mentira que se irá transformar num equívoco responsável pela sua detenção. Jaimão legitimava as aspirações de Firipe Beruberu.

Sidney Poitier era o expoente máximo do “Sonho Americano”. O equívoco prende-se com um regime em declínio cujos representantes da autoridade (PIDE), acreditam que Portugal Colonial deve “castrar” todos os sonhos de um povo.

*“A barbearia do Firipe Beruberu ficava debaixo da grande árvore, no bazar do Maquinino. O tecto era a sombra da maçaniqueira. Paredes não havia: assim ventava mais fresco na cadeira onde Firipe*

*sentava os clientes. Uma tabuleta no tronco mostrava o custo dos serviços. Estava escrito: "cada cabeça 7\$50". Com o crescer da vida, Firipe emendou a inscrição: "cada cabeça 20\$00."*

## **O mito do “sonho americano” (American Dream)**

O sonho, todos os povos à margem do mundo anglo-saxónico sabem o que é: uma **vida farta, riqueza, poder desmesurado de compra e de venda, prémios conseguidos ao fim por um self-made-man**. E o man seria qualquer um de nós, negro, amarelo, mestiço, quase branco. Nesse caminho, nesse way, a todos que na terra USA chegássemos, aportássemos, bastaria praticar o manual "só é pobre quem quer", para conseguir ser um best ( o melhor). E ser um best, em suma, é o próprio sonho americano.

Ser um best, o melhor, é mais que um superlativo de good ou de well. Ser um best, para os modestos, é **ser o melhor na sua profissão, ou na sua actividade**.

No sonho americano, isto significa mais que o dar o melhor de si em qualquer acção, é mais que o envolver a própria pessoa no seu agir. É vencer todos os demais, é derrubar todos os outros na sua profissão, é ser o boss, o chefe, é mais, é ser o tycoon, o magnata, o godfather (padrinho), o chefão, é ser o God (Deus), enfim, o poderoso, o supremo. Isto, para quem conhece o preço dessa meta, é apavorante. Porque é uma anti-humanidade. Porque, também, guarda uma desumana e inumana mentira. Um paradoxo de vigarista. Se o *the best* nasceu para todos, ninguém jamais será o *the best*. Por um lado, este superlativo exige que todos os demais sejam superados e vencidos.

Isto irá certamente criar Homens competitivos e ambiciosos... o que desenvolverá, por isso, uma sociedade desigual.

Então e os pobres?

E aqueles para quem, apesar de muito esforço, a vida nunca sorriu?

E os doentes e incapazes?